

554
Pt 77 ex 14
52/07/13
Liliana Janeco
p 2

EM TUDO que Sérgio Buarque de Holanda escreve desponta logo, com força, a originalidade de sua inteligência. Por muito familiarizado que se esteja com qualquer matéria, a posição em que, para considerá-la, ele se situa, com a maior espontaneidade, surpreende sempre pelo imprevisto. Essa qualidade singular de seu espírito se revela também, naturalmente, no estilo em que Sérgio exprime o pensamento: a forma se afasta invariavelmente do comum pela força simples do movimento de sua inteligência.

Semelhante atributo tornava a princípio obscuros certos textos da mocidade do escritor. Para isso contribuía, ainda, a própria complexidade de seu pensamento. Assim, o início de um dos artigos que elaborou para *Estética*, em 1925, sob o título de *Perspectivas*, deu motivo a impugnação porfiada durante noites a fio: "As pala-

Singularidade e Multiplicidade de Sérgio

Rodrigo M. F. de Andrade

vas depositaram tamanha confiança no espírito crédulo dos homens, que estes acabaram por lhes voltar as costas".

— "Foram os homens, meu velho, que depositaram tanta confiança nas palavras", objetava Prudente de Moraes, neto.

— "Não é isso"...

Sérgio aludia aos resíduos de preconceitos de toda espécie que a torrente das literaturas, desde as suas formas tabulares e lapidares, tem depositado no espírito dos homens.

Aquelas obscuridades desapareceram, entretanto, rapidamente. Hoje, a limpidez de sua forma permite ao leitor alcançar sem esforço a maior profundidade de seu pensamento e seguir-lhe o movimento mais sutil.

Com a maturidade, porém, a capacidade de apreender os múltiplos aspectos dos fatos sociais, históricos ou literários tem tornado estranhamente cautelosa a expressão desse pensamento:

"Pode-se quase dizer que" ... "nada impede de acreditar que" ... "pode-se crer que terá sido" ... "Talvez não exagerasse muito ao dizer que" ... "Não seria um caso isolado" ... "Não haverá absurdo em supor" ... São todas asserções atenuadas extraídas de algumas páginas apenas de seu livro *Monções*. Até Sérgio chegar ao seguinte exagero de prudência: "O que não significa, é certo, e exclusão obrigatória de" ... E, por fim, a este cúmulo de cautela na referência a um fato histórico: "Não se pode dizer que durante o século XVIII, quando foi mais intenso o comércio fluvial do Cuiabá, os serviços a bordo das canoas despertassem vocações numerosas" ...

DE TAL prudência, entretanto, o escritor tira partido excelente, como se vê de outro trecho ainda de *Monções*, a propósito de uma viagem de D. Antônio Rolim de Moura pelo sertão em 1754:

"A limpeza corporal não era certamente um atributo das classes nobres por essa época, mas à gente mais humilde, habituada de longa data, senão ao banho diário, pelo menos ao tradicional lavapés, exigência mínima da higiene em terra tropical, não passaria talvez despercebido o sumptuoso desasseio do general emboaba".

A expressão de Sérgio Buarque de Holanda é antiperentória, por excelência.

Movido pela mais intensa curiosidade intelectual, ele se tem dedicado, sucessiva ou simultaneamente, a estudos e trabalhos em campos distanciadíssimos. Passa do domínio dos antigos caminhos e fronteiras do país às questões de técnica literária, que trata ao mesmo tempo de problemas de est

mas, como assinala lucidamente, aqui mesmo um de seus amigos diletos, na veracidade de espírito de Sérgio não há pendor para

o diletantismo. Sua espantosa capacidade para adquirir conhecimentos habilita-o a prestar contribuição séria e importante em relação às matérias mais diversas.

O homem Sérgio é igualmente múltiplo e genuíno na sua variedade. No exercício da chefia de serviço público ou na mesa de bar, como patriarca entre a esposa e os sete filhos ou como delegado a conferências internacionais, ele é perfeitamente ajustado a cada função.

ASSIM foi sempre, desde muitos anos: diverso e autêntico. Há quem o recorde ao chegar ao Rio, adolescente louro e monarquista maurrasiano, de monóculo. Depois, já de óculos, prócer destacado do movimento modernista, gêmeo de Prudente, caminhando ao lado de Graça Aranha ou sentado com Alberto Faria à mesa do Café Papagaio. Em seguida, em Cachoeiro do Itapemirim, a redigir *O Progresso*, órgão comercial e político, a par do semanário mundano *O Jau* ("porque estaria a Senhora X, tão melancólica, domingo último, quando saiu do cinema?"). Mais tarde, em Berlim, de *smocking*, representando no trailer do *Aujo Azul*, com Marlene Dietrich, participando indiferentemente de comícios de propaganda nazista ou de reuniões de comunistas; entrevistando Tomas Mann e frequentando um clube nudista. De volta ao Brasil, nas sucursais da Associated e da United Press, a traduzir telegramas em ritmo vertiginoso. Finalmente, pai de família circunspeto, diretor de Divisão da Biblioteca Nacional, pouco antes de readquirir a nacionalidade paulista. Tais foram alguns Holandas diferentes, porém que no fundo iguais ao atual.

O quinquagenário Sérgio não acumulou apenas erudição durante o longo decurso da vida que anunciava a publicação de *O Aujo Azul* adormecido no bosque. Guardou intactas todas as virtudes dos Sérgio anteriores.



*descreve a vida que anunciava a publicação de O Aujo Azul...